



**DISCURSOS REPRESSORES RECIFENSES: A QUESTÃO DE
GÊNERO E DA RAÇA ATRAVÉS DOS DISCURSOS SOBRE O
SUICÍDIO DURANTE A DÉCADA DE 1920, NA CIDADE DO
RECIFE**

Pedro Frederico Falk¹

Resumo

O presente artigo busca retratar a presença da violência contra as diferenças raciais e de gênero nos discursos médicos, jurídicos, religiosos e na imprensa quando se tratando sobre a questão do suicídio, isso durante a década de 1920 em Pernambuco, mais especificadamente, na cidade do Recife. Para isto, além da leitura bibliográfica, foram utilizadas fontes primárias obtidas em processos criminais da comarca do Recife, teses de medicina da Faculdade de Medicina da Bahia, periódicos religiosos e do Diário de Pernambuco. Através dessas fontes, podemos observar a questão da inferioridade dada às raças não branca e na busca por se manter a mulher submissa e inferior ao homem, tendo em vista, que emergia uma nova mulher, provindas das mudanças com a modernidade. Essas questões foram observadas através da ótica sobre o suicídio presente nesses discursos.

Palavras-chave: Gênero. Raça. Discursos. Recife. Anos 1920.

Introdução

A violência além de ser um fator biológico, consiste também em um fator cultural, que segundo Robert Muchembled² o estudo da violência no passado mostrou a presença de duas concepções de violência: legítima ou ilegítima. A violência legítima é aquela que foi estabelecida pelas instituições, enquanto que a ilegítima vai de encontro às leis e à moral da época e é exercida de forma individual. Observa-se traços dessa violência presente nas instituições religiosas, jurídicas e

¹ Mestre em História pela UFPE. Correio eletrônico: pedrofalk@gmail.com. Pesquisa financiada pela CAPES, fruto da dissertação de mestrado. Não ineditismo na sua totalidade, pois apresenta trechos que foram publicados na dissertação de mestrado e em outro periódico (Revista Sæculum – Revista de História da UFPB, nº 31).

² MUCHEMBLED, Robert. História da Violência: Do fim da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

médicas e na imprensa, do Brasil da década de 1920. Para tanto, focamos aqui a cidade do Recife, para pensar na questão do suicídio.

Ao observamos a problemática do suicídio nas teses médicas da Faculdade de Medicina da Bahia e nos Processos Judiciários do Recife, durante os anos de 1920, podemos também observar a presença de certa discriminação às questões de gênero e raça. Discriminação também consta nas notícias sobre suicídio verificadas no Diário de Pernambuco dessa mesma época, além de periódicos religiosos. Desta forma, iremos retratar a violência legítima encontrada nos discursos da época, que buscavam exercer certo controle sobre certos grupos raciais e das mulheres, colocando os em papel de inferioridade e de submissão. Assim, buscando observar se havia, nesses discursos, uma relação da questão do suicídio com a raça e gênero, e quais as suas nuances.

Modernidade e seus discursos

Várias cidades do Brasil passaram por reformas urbanísticas durante as primeiras décadas do século XX, e a busca por mudanças modernizadoras pode ser observada em Pernambuco antes mesmo da década de 1920, que continuaram a ser buscadas ao longo dos anos vinte. “Saneamento, saúde, higiene, instrução, aparecem como tarefas fundamentais da administração pública, como investimentos urgentes a serem feitos, para não se perder os caminhos da modernização”³.

Entretanto, a modernidade não ocorreu da mesma forma entre os diversos grupos sociais, pois se buscou a exclusão e marginalização dos populares, que tinham diferentes hábitos e costumes, e que iam contra os padrões de civilidade estabelecidos pelas elites.

Sobre as assim chamadas “classes populares” é que recairia o ímpeto ordenador, disciplinador, domesticador, independentemente de qual fosse a causa identificada como nuclear para a situação posta. Seja porque os hábitos, costumes, comportamento, o que, enfim, poderia ser visto como uma cultura popular típica àquela população recém advinda à cidade apresentava, por si só, traços típicos de bárbaros incivilizados, justificando, então, uma ação dos poderes públicos no sentido de estabelecer um novo padrão de convivenciabilidade, de sociabilidade, mais afeito ao gosto burguês.⁴

³ REZENDE, Antônio Paulo. (Des)Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX. Recife: FUNDARPE, 1997, p. 56.

⁴ TEIXEIRA, Flávio Weinstein. As Cidades enquanto palco da Modernidade: O Recife de Princípios do Século. 1994. 171 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 1994, p. 14.

A elite, então, buscou um policiamento melhor preparado, novos códigos e leis contra os hábitos e costumes populares. A violência marcou o conflito entre os dominantes e os dominados do Recife. Apesar dessas mudanças nas leis, não houve mudanças com relação ao suicídio, pois este continuou não sendo considerado um crime, no entanto, o código penal vigente na época (o de 1890) trazia que “induzir, ou ajudar alguém a suicidar-se, ou para esse fim fornecer-lhe meios, com conhecimento de causa: Pena – de prisão celular por dois a quatro anos”⁵. A lei previa crime para quem ajudava conferindo os meios materiais para que o ato fosse praticado. O objetivo desse era preservar a vida humana.⁶

Consequentemente, pudemos entender porque o suicídio seria investigado pelas autoridades competentes. Através das notícias nos jornais, isto quando referentes ao suicídio e as tentativas, notamos que, no início da década de 1920, a polícia no mínimo tomava ciência dos casos. Entretanto, a mesma, não raramente, permitia que a família realizasse o enterro, sem haver antes uma necropsia do cadáver.

Ademais, a modernidade atingiu também outros setores, pois a sociedade moderna, mais urbana e industrial, modificou as profissões dos homens, que do trabalho nos engenhos passaram para as profissões liberais, trabalhando para as indústrias, área pública, comércio, etc. Durval Muniz bem exemplifica esta mudança,

As próprias metáforas que definiam a relação do masculino e do feminino com os espaços começam a ser alterados. Os homens que antes viviam soltos, fora de casa, podendo se aventurar por diferentes lugares, se vêem, cada vez mais, presos a uma rotina estafante de trabalho. O homem do escritório, o funcionário público, o vendedor de comércio, o operário de fábrica já não têm as rédeas soltas como os antigos senhores: são cada vez mais encabrestados a uma vida rotineira, modorrenta, marcada por atividades repetitivas e cotidianas humilhações. A mulher, que antes estava presa ao lar, à vida doméstica, quando não à camarinha e à cozinha, dependendo de sua condição social, ia tomando as rédeas de suas vidas nas mãos, já respiravam novos ares, já saíam à rua para o estudo ou para o trabalho, mesmo que fosse nos mesmos lugares que para os homens pareciam ser prisões, mas que para elas eram indícios de liberdade.⁷

Portanto, algumas mulheres passaram a trabalhar fora de casa, mas a visão que se tinha delas não era, digamos, uma das melhores, pois segundo Margareth

⁵ BRAZIL, CÓDIGO PENAL DOS ESTADOS UNIDOS DO. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>. Acessado em: 19 de outubro de 2010.

⁶ PAULINO, Naray J. A. Considerações Jurídicas sobre o Suicídio. In: CORRÊA, H.; BARRERO, S. P. Suicídio: Uma Morte Evitável. São Paulo: Atheneu, 2006, p. 211.

⁷ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional. Recife: Bagaço, 2008, p. 433.

Rago, “frágeis e infelizes para os jornalistas, perigosas e indesejáveis para os patrões, passivas e inconscientes para os militantes políticos, perdidas e degeneradas para os médicos e juristas, as trabalhadoras eram percebidas de vários modos”⁸. Elas além de passarem a trabalhar fora de casa, muitas ainda costuravam para completar o orçamento do lar e ainda havia aquelas que completavam este ao se prostituírem.

As mulheres não só estavam trabalhando fora, mas de acordo com uma reportagem do Diário de Pernambuco⁹, estava também “tomando” empregos dos homens, como no comércio. Isto, porque, o trabalho feminino nesta área possui três vantagens: recebia menores salários, servia como um atrativo de clientela, por ser mais agradável o atendimento feminino, e a questão que a mulher obedecia com docilidade.

O discurso masculino da época buscava modificar estas consequências trazidas pela industrialização, como a desvalorização das atividades do lar, pois agora a produção industrial absorveu certas atividades antes exercidas na unidade doméstica. Assim, conforme Rago, era frequente a associação da moralidade social com o trabalho feminino, pois estas ao trabalharem nas fábricas estavam ameaçando a sua honra, além de prejudicarem no desenvolvimento “natural” das famílias.

Dentre alguns periódicos religiosos da época, como no O Dia¹⁰ a preocupação era tanta com a emancipação feminina que publicaram diversas notas e contos com referência que a única preocupação das mulheres deveria ser com os cuidados do lar e do marido.

Ensinar a mulher
A cozinhar bem;
A fazer camisas de homem;
A não se pintar;
A talhar os próprios vestidos;
A ser cuidadosa e asseada;
A ser modesta e simples;
A ter uma casa bem arranjada;
A preferir nos maridos a reputação de homem honrado á de homem de dinheiro;
Amar antes a vida sossegada de casal do que a da sociedade vaidosa.
A adorar a Deus no Céu e amar seu marido na terra.¹¹

⁸ RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e Sexualidade. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004, p. 579.

⁹ Do Rio: A Situação das Moças que trabalham no Commercio. Diário de Pernambuco, Recife, p. 1, 12 nov. 1927. Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ).

¹⁰ Periódico Religioso da Matriz de Piedade.

¹¹ Ensinae a mulher. *O Dia*. Recife, p. 5, 30 jan. 1921. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE).

Quanto ao discurso médico, vale observar que a medicina legal brasileira buscou inspiração nos estudos de Wundt; Darwin e Galton. Wundt foi o criador da psicologia das multidões (*Volkerpsychologie*), estudando “os indivíduos face a face com um meneur, que os guia pelo delírio coletivo”, porém baseando-se em questões raciais, quanto à superioridade do homem branco. Darwin e Galton tratam do evolucionismo, sendo que o primeiro trata da questão da seleção natural das espécies e o segundo funda uma nova ciência, a eugenia.¹²

Essa nova ciência, a eugenia¹³, encontrou campo fértil no Brasil, tendo em vista o projeto de intervenção social.

A eugenia respondia a várias questões que incomodavam os médicos como Nina Rodrigues. Senão vejamos: propunha uma intervenção na sociedade em que o poder dos médicos crescia em detrimento do poder da instância jurídica, fornecia “uma cientificidade biológica” como base para essa intervenção, ao mesmo tempo em que postulava uma identidade do social e do biológico, em que o primeiro era explicado pelo segundo. Isto possibilitava aos médicos discutir e interpretar, não só problemas relativos à saúde/doença dos homens, mas também problemas relativos à saúde/doença de suas formas de organização social.¹⁴

A eugenia teve grande repercussão durante as três primeiras décadas do século XX, dado a preocupação dos intelectuais com a composição étnica da sociedade brasileira. Isto porque se buscava justificar as crises econômicas e revoltas sociais como consequência do clima tropical do Brasil, mas, principalmente, da constituição étnica do seu povo. Como o clima era algo imutável pelas mãos humanas, o foco então caiu quase totalmente sobre a presença da mistura das “raças inferiores”¹⁵ do povo brasileiro.

Para mudar esse quadro da crise vivida pela República brasileira, buscou-se uma arianização da população, tendo em vista que o branco era considerado o superior, sendo o negro e o mestiço de raças inferiores. Para os intelectuais, a democracia brasileira só ocorreria com o embranquecimento da sua população.

¹² LUZ, Madel Terezinha. *Medicina e Ordem Política Brasileira: políticas e instituições de saúde (1850-1930)*. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 171-172.

¹³ A eugenia surgiu das pretensões de Galton em elaborar uma ciência que retratasse da hereditariedade humana, visando identificar, através de instrumentação matemática e biológica, quais seriam os melhores membros, com melhores características físicas, para, assim, estimular a reprodução desses membros superiores e evitar a reprodução dos membros que possuísem características degenerativas. DEL CONT, Valdeir. Francis Galton: eugenia e hereditariedade. *Sci. Stud*, 2008, vol. 6, n.2. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662008000200004. Acessado em: 01 de novembro de 2016.

¹⁴ LUZ, op. cit., p. 172.

¹⁵ A raça branca era considerada como uma raça superior, enquanto que os negros e mestiços eram considerados raças inferiores.

Na eugenia, segundo Jurandir Costa, via-se o indivíduo pelo seu fator biológico, e não a seu fator cultural e psíquico, tanto que as doenças mentais seriam hereditárias. Isto pode ser observado nas estatísticas da psiquiatria brasileira, que atribuíam aos negros e aos mestiços as doenças mentais de cunho toxinfeciosa, como a sífilis e o alcoolismo, e aos brancos as doenças constitucionais (esquizofrenia; psicose maníaco-depressiva etc.).

Isto também serviu como uma forma de combate médico aos valores morais da população, tendo em vista que a sífilis e o alcoolismo eram consequências do declínio moral e sexual da sociedade na época. Como a Liga Brasileira de Higiene Mental, que “procurava combater não era a doença mental, mas as qualidades morais dos indivíduos doentes mentais. [...] as campanhas antialcoólicas, eram em última instância cruzadas moralizadoras que visavam a extirpar os vícios e a devassidão”¹⁶.

Desta forma, os médicos buscavam mudar os hábitos e costumes dos brasileiros. Inclusive, a sífilis foi utilizada como um fator etiológico do suicídio, isto segundo o médico Mirandolino Caldas.¹⁷ Assim, iremos observar cada discurso institucional e as suas formas de violência contra certos grupos.

Judiciário e a questão racial e de gênero

Dentre os cidadãos, as mulheres suicidas foram as mais investigadas nos processos criminais. De 14 processos da comarca do Recife da década de 1920, referentes ao suicídio e tentativa encontrados no Memorial de Justiça de Pernambuco, 9 foram referentes às mulheres, que segundo os dados, indicam que eram da camada mais popular da sociedade. Isto porque, dos nove casos, cinco eram domésticas, os outros quatro não há menção de profissão, lembrando ainda que uma ainda tinha 12 anos. De cinco casos: uma sabia ler e escrever e duas eram analfabetas, e também quatro eram solteiras e apenas uma era casada.

Observa-se que a maioria das mulheres desses casos exercia uma profissão, contudo, ainda permaneciam excluídas por um sistema elitista e machista, que buscavam mantê-las no papel de submissas. Esta questão pode ser bem vista num caso, digamos peculiar, do suicídio da menor de 16 anos, Maria A., que

¹⁶ COSTA, Jurandir Freire. História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico. Rio de Janeiro: Garamond, 2007, p. 95.

¹⁷ Ibidem, p. 98.

“supostamente” se suicidou, às 13 horas do dia 25 de outubro de 1929, ingerindo formicida.¹⁸ Maria era uma doméstica numa residência da Rua Marquez do Paraná, onde, inclusive, foi o lugar em que ocorreu o evento. Como ela faleceu antes da chegada da assistência pública, não foi socorrida já que se encontrava morta e também não foi coletado o seu testemunho.

A polícia, na averiguação do caso, tomou o testemunho de três indivíduos: da patroa; do cunhado da patroa e de um pedreiro. Os três testemunhos trazem que a menor havia se suicidado, porém relatam o evento com três histórias totalmente diferentes, só havendo em comum que ela havia se suicidado, o meio utilizado para o ato e o local onde ocorreu o evento.

Mesmo com versões contraditórias, aparentemente, a polícia e o juiz municipal da vara criminal do Recife aceitaram como sendo suicídio, tendo em vista que havia testemunhas de uma classe privilegiada afirmando ter sido um suicídio, algo que ainda pode ser observado que todas as testemunhas estavam ligadas à patroa Debora. Não saberemos, ao certo, se Maria realmente suicidou-se ou se foi assassinada, pois como relata Marcos Bretas, “crianças empregadas no serviço doméstico eram mantidas sob a vigilância de seus patrões/guardiães, situação bastante comum, e o fato de haverem constantes fugas indica que o relacionamento não era exatamente harmonioso”¹⁹.

Nota-se também este domínio masculino no lado emocional e de poder sobre as mulheres com o caso da tentativa de suicídio de Evangelina L. ou C.S.²⁰, de 25 anos. Ela, que era natural de Alagoas, conheceu em Maceió o pernambucano Severino O. X, de 28 anos, que lá era Cabo do Vinte Batalhão Caçador. Os dois mantiveram relações amorosas, mas, segundo Severino, ele “não era amoriado com a mesma”. Ele acabou voltando para Recife em 1927, posteriormente, aqui também chegou Evangelina, que veio a procura do mesmo, tendo em vista que não mais suportava as saudades dele. Como o agora ex-cabo estava desempregado, ela foi trabalhar como amada²¹ numa residência.

Evangelina, posteriormente, voltou para Maceió, contudo, depois voltou ao Recife, ainda por causa de Severino. Novamente, ela empregou-se numa residência,

¹⁸ Processo Criminal da Acusada e Vítima Maria A. Caixa 944 da Comarca do Recife, 1929. Memorial de Justiça de Pernambuco (MJPE).

¹⁹ BRETAS, Marcos Luiz. Ordem na Cidade: o exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro: 1907-1930. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 169.

²⁰ Processo relativo à Evangelina L. ou Evangelina C. S. Caixa 773 da Comarca do Recife, 1929. Memorial da Justiça de Pernambuco (MJPE).

²¹ O termo “amada” encontra-se no processo quando referente ao emprego que Evangelina arrumou numa residência.

desta vez como empregada, cuja função era cuidar de uma doente. No seu relato, ela menciona que dava presentes de mangas para Severino, desta forma ainda mostrando interesse pelo mesmo. Após a morte da doente, Evangelina permaneceu na residência do senhor Seixas, esposo da doente, como um favor, até que se mudou para a casa de uma camarada sua. Ela menciona que foi chamada por uma criada do senhor Seixas para comparecer em sua residência, pois o mesmo a acusava de ter roubado umas joias. Chegando lá, declarou que nada tinha roubado, mas que foi trancada em um quarto a fim de confessar o roubo. Ela menciona que ficou presa por uns três dias, sem receber alimentação e sendo maltratada. Evangelina disse que pediu para ir ao sanitário e foi lá onde encontrou uma lata de creolina, tendo ingerido certa porção, que gemendo aos efeitos do tóxico foi socorrida.

Neste caso podemos observar o poder que as classes superiores financeiramente exerciam sobre as camadas populares, em especial, as mulheres e seus funcionários. Utilizavam deste poder para ameaçar as vítimas, pois tudo indica que não queriam o caso à polícia.

Esta visão machista do suicídio feminino não ficou restrita ao setor jurídico, mas também ao médico, como observado nas teses médicas da Faculdade de Medicina da Bahia do período aqui estudado.

Discurso médico e a questão racial e de gênero

Os médicos²², ao compararem as taxas de suicídio entre os homens e as mulheres, notaram um predomínio nos primeiros. As razões, para isto, seriam por serem do sexo forte, das suas maiores responsabilidades sociais, as dificuldades na manutenção da família, e agirem com segurança. Para o Dr. Florival A. Seraine²³, a causa principal disto seria da vulnerabilidade do homem para a dor, tendo em vista que ele não suporta bem os sofrimentos tanto morais como físicos. Outro fator seria que os homens fazem mais uso do álcool do que as mulheres, visto que o uso do álcool pode causar influencia na ocorrência de suicídios. Considera ainda os homens

²² COSTA, Quintino Castellar da. Do Suicídio e sua Prophylaxia. Tese em Medicina. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 28 de Outubro de 1927; SERAINE, Florival Alves. Suicídio e Mimetismo. Tese em Medicina. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 30 de Outubro de 1930; SOUZA, José de Araujo. Do suicídio por envenenamento, principalmente na Bahia. Tese em Medicina. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 30 de Outubro de 1929. Laboratório de Pesquisa e Ensino em História (LAPEH).

²³ SERAINE, op. cit.

suicidas como covardes e egoístas, pois deixam seus entes queridos em estados frágeis e desamparados.

As mulheres se suicidariam menos por serem mais tímidas e dóceis, além de serem mais confiantes com o futuro. Logo, suportam mais as agonias da vida, lutando contra a morte e a miséria, pensando no bem estar dos filhos, pois, em muitos casos, elas foram largadas pelos companheiros sem alma. “Heroína anônima, luta não raro bravamente e, quando cai na noite tenebrosa do suicídio, já sorveu até a última gota o cálice amargo da desilusão e da dor”²⁴. Seraine coloca que o suicídio das mulheres, em especial as moças solteiras e meretrizes, só ocorrem devido as paixões, “isso, principalmente no nosso país, aonde as mulheres raramente têm outra preocupação, na época e no estado, em que sempre se suicidam”²⁵.

Como visto acima, para os médicos, o suicídio feminino ocorreria mais pelas paixões, isto, especialmente, quando se tratando dos jovens e do Brasil.

Amores contrariados, casamentos proibidos pelos pais, especialmente entre nós em virtude dos preconceitos de cor, união impossível de realizar-se em face do estado civil dos amantes, tem enchido as estatísticas dos suicídios passionais em que ordinariamente se vêem dois entes tombarem sem vida, pretendendo deste modo unirem-se na morte, já que não o puderam ser na vida. Cruel e fatal desilusão os espera, porém, do lado de lá.²⁶

Alcides Siqueira²⁷, na sua tese médica sobre o amor, mostra este como sendo uma arma poderosa, porque,

[..] amar é desejar a felicidade da pessoa amada mas dela participando.” Se o amor se inclina a mais de dois – nasce o ciúme, porque ele se impende a se eximir dos dois a um – germina o desespero, não raro inconsolável, que leva ao crime e ao suicídio. Sem o ente querido, como viver? Se a vida, tanto encanto que encerrava, se transmuta num fardo intransportável? Se, do calor que anima e vivifica, se transforma no frio que enregela? Se, sem o amor recompensado, a alma é um vácuo – sem crenças, sem estímulos, sem a luz da esperança – caliginoso de tristeza e desalento? Como, sem forças para a vida, ter energias para a luta? Como? ! Para os mais fracos, acena a morte, como o último remédio, com prestígio de um, balsamo divino – suicidam-se; sobre as mais fortes, zurze o vergalho da Vindicta – matam. Phedra suicida-se, por que é desprezada por Hyppolito. Pyramo, relata Ovidio, crendo morta Thisbé, suicida-se, no local que marcara entrevistá-la, por julgar-se traído e esta, ao deparar-se-lhe com o corpo inanimado, suicida-se também, igual resolução tomam Romeu e Julieta. A tragédia do duplo suicídio é, ainda hoje, o epílogo frequente das paixões infelizes.²⁸

²⁴ COSTA, op. cit., p. 14.

²⁵ SERAINE, op. cit., p. 8.

²⁶ COSTA, op. cit., p. 23.

²⁷ SIQUEIRA, Alcides Lopes de. O Amor como Dirimente Penal. Tese em Medicina. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 20 de Novembro de 1927. Laboratório de Pesquisa e Ensino em História (LAPEH).

²⁸ Ibidem, p. 42.

O ciúme, quando exaltado, pode levar ao suicídio, bem como ao assassinato. Alguns crimes passionais há a presença de ambos, pois após o assassinato do parceiro ou parceira, o indivíduo honesto acaba se arrependendo ou sentindo remorso, passando a ficar impelidos ao suicídio.

Enquanto os homens se suicidam mais, são as mulheres que tentam mais o suicídio. Para José de A. Souza isto se devia que nem todas as mulheres queriam morrer, até havendo o fingimento por elas, pois “ora, a mulher que finge o pranto e a síncope, por mera conveniência, é capaz também de tomar um pouco de querosene ou creolina, e se dizer envenenada, para logo após o pânico da família ou do amante conseguir alguma coisa destes”²⁹.

Quanto à questão do suicídio e da raça, Seraine notou que os brancos se suicidam mais e que os negros e outras tidas “raças inferiores”, como assim menciona, se suicidavam bem menos, exceto quando se tratando dos silvícolas. Este também observou que o suicídio ocorre mais nas classes mais ilustradas e indivíduos cultos.

Souza também notou a predominância dos brancos nos casos de suicídio, depois viriam os mestiços e por últimos os negros. Esta predominância caucasiana devia-se que este era “mais sensível às emoções, mais arrebatado em seus desejos, mais violento em suas ações.”, enquanto que o negro “é mais dócil, menos sensível, mais pacato. E o mestiço é o intermediário”³⁰.

Em resumo, o suicídio nos discursos médicos, quanto às raças, está ligado à questão de superioridade da raça branca e da inferioridade das demais raças, e quanto à questão feminina, o suicídio foi relatado como sendo mais ligado ao amor, às paixões e ao ciúme, algo que até foi confirmado através das notícias de suicídios e tentativas publicados no Diário de Pernambuco dos anos 1920.

Imprensa e seu discurso

A imprensa teve forte papel na divulgação de ideias, notícias, produtos, e entre outras na década de 1920. Havia, como foi visto, a presença de periódicos religiosos, como O Dia. Esse buscou rebater a emancipação feminina, devido ao fato de que a Igreja via, na família, um mecanismo da manutenção e expansão da religião católica. Dessa forma, esta emancipação atrapalharia na formação de novas famílias.

²⁹ SOUZA, op. cit., p. 28-29.

³⁰ Ibidem, p.31.

Uma das preocupações dos religiosos católicos, da década de 1920 em Pernambuco, era com a emancipação feminina e as consequências da mesma.

Fala-se tanto, hoje, em emancipação da mulher. Criam-se para este fim sociedades femininas, legiões, associações *crístãs*, um mundo de coisas perfeitamente adaptáveis à *americanização* ou *masculinização* da mulher brasileira, e não se cogita dessa outra emancipação da vaidade requintada, que constitui verdadeira escravidão.

E aí está um problema moral, religioso, eminentemente social, que bem pode ser resolvido sem o espalhafato e a disfarçada vaidade das associações sociais femininas.³¹

Pelos contos, artigos e notas do *O Dia*, podemos notar que os religiosos católicos buscavam a volta dos valores da esposa, mãe, educadora e mantenedora do lar para as mulheres, que cada vez mais se emancipavam, buscando refúgio na vaidade, na moda, no luxo, nas danças, nos cinemas, enfim, na nova forma de “liberdade”.

Dentre o assunto que obteve mais críticas, podemos dizer que foi a nova moda feminina, tanto pela publicação evangélica como pela católica.

Haja vista a maneira do trajar de nossas mulheres e de nossas filhas. Não se pode mais distinguir pelo modo de vestir, pelo modo do andar, a mulher da vida livre, da mulher honrada; a virgem, da devassa. Ambas trajam e andam da mesmíssima maneira. As senhoras e senhoritas de nossa melhor sociedade deleitam-se em dar trejeitos no corpo para exhibir as suas formas, os seus contornos, quando pisam, quando andam, quando atravessam as ruas, despertando assim a atenção do público, até mesmo dos espíritos mais frios e abstraídos. Há indivíduos nas grandes cidades que se ocupam em ficar nas esquinas das artérias mais movimentadas para apreciarem a passagem de nossas esposas e filhas e fazerem comentários indecentes, e se encherem de desejos impuros.³²

Mas poder-se-ia perguntar, qual a relação que a moda decotada e quase despida teria com o suicídio? Segundo *O Dia*, tudo. Não quanto à roupa em si, mas sim na proibição de usar a moda moderna. Vejamos a seguir um breve conto publicado neste periódico que exemplifica isto:

Que irá fazer a pobre mãe d’aqui por diante?!...

Alice jovem de 16 anos namorada e melindrosa, é repreendida por sua mãe por causa dos seus vestidos exageradamente decotados e curtos!... Aquilo já era um escândalo para os vizinhos, para as pessoas que passavam e a viam. A moça porém protestava e batia o pé... As discussões acaloravam-se dia a dia. Afinal, a boa Mãe, num rasgo de dignidade proibiu que a *melindrosa* usasse saias curtas... Com ela agora era ali, no duro, - saia comprida, salto baixo no sapato, etc., etc., Alice, desesperada, alucinada, endiabrada, toma um copo de vinho do Porto, põe-lhe dentro uma poção forte de permanganato de potássio e daí a minutos... a boca

³¹ Não podem usar saia curta, nem decotes atrevidos. *O Dia*, Recife, p. 3, 27 fev. 1921. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE).

³² Os tempos que atravessamos. *Tribuna Evangélica*, Recife, p. 4, 10 out. 1929. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE).

no mundo! Vem a Assistência, que a põe fora do perigo! Que irá fazer a pobre Mãe d'aqui por diante? Ah!... é a educação moderna!³³

Assim, chegamos às notícias de suicídio presentes no jornal Diário de Pernambuco. Caso uma pessoa se suicidasse ou tentasse em Pernambuco na década de 1920, esta poderia ter seu nome publicado no Diário de Pernambuco como alguém que tentou contra a sua existência. Não dependia se você fosse branco ou negro, mulher ou homem, jovem ou velho, caso vieste a tentar contra a sua vida, poderias ter seu nome publicado no jornal.

Aliás, não era só o seu nome que seria publicado, mas também diversas outras informações, como: endereço de residência, que incluía o número do edifício, estado civil, profissão, idade, raça, entre outros. Além das características pessoais do indivíduo, também eram publicadas referências quanto ao ato em si, como método utilizado, instrumento, local do ato, razão, etc. Contudo, as quantidades de informações variavam de caso em caso, até havendo alguns em que eram publicadas as cartas de despedida.

O Diário de Pernambuco publicou, durante esta época, 821 casos de suicídios e tentativas de suicídio em Pernambuco, excluindo da contagem alguns casos em que não se sabia se ocorreu por suicídio ou crime. Dos 821 casos, 502 foram referentes às mulheres, destes 405 de tentativas de suicídio e 97 de suicídios. Para os 319 casos dos homens, 166 foram de tentativas e 153 de suicídios.

Esta grande diferença pode ser, em parte, justificada pelo meio utilizado para a realização do ato, pois os homens, sendo mais aptos à violência, utilizam meios mais violentos, que podem gerar dúvidas se foi suicídio, acidente ou crime. As mulheres tendem a escolher meios menos violentos, assim, acabam tendo preferências pelos venenos e pelas drogas, pois também as consideram que são fáceis de usar, livre das dores e de fácil acesso.

Os dados obtidos mostram um predomínio do envenenamento, tanto masculino e feminino, quanto se tratando o número de suicídios e de tentativas de suicídio como uma totalidade. Após o envenenamento, entre os homens predominam os métodos por arma de fogo e armas brancas, ou seja, instrumentos considerados tipicamente masculinos, dado aos seus aspectos de violências característicos. Já entre as mulheres, teríamos o fogo como à segunda opção escolhida.

Se considerarmos isoladamente o suicídio da tentativa de suicídio teremos entre as mulheres o fogo como dominante naqueles e o envenenamento nestes. Entre

³³ Que irá fazer a pobre mãe d'aqui por diante?!... O Dia, Recife, p. 5, 30 jan. 1921. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE).

os homens, o tiro domina nos suicídios e o envenenamento nas tentativas. Disto tiramos que o envenenamento era predominante nas tentativas de suicídio. Segundo Ronald Maris³⁴, este é método principal nas tentativas de suicídio não fatais, isto porque este requer certo período de tempo para causar a morte, assim, possibilitando maiores chances de socorro, de uma intervenção ou de uma reconsideração.

A predominância entre o método por envenenamento pelas mulheres seria que as mesmas buscam um meio em que não as deixariam desfiguradas, ou seja, um método que possibilitasse a manutenção da sua beleza. Supomos isto ser possível devido à promoção da beleza, da magreza, da moda, dos exercícios físicos e dos produtos de beleza nesta época no Recife, tanto que o envenenamento foi o método principal neste.

No entanto, somos também inclinados a pensar que o predomínio pelo método do envenenamento devia-se à facilidade na aquisição dos venenos nesta época, como foi observado pelo Doutor Souza na sua tese médica.³⁵

Quanto ao uso do fogo, este foi algo tipicamente feminino, pois apenas 10,95% dos casos por este meio foram realizados por homens. O suicídio pelo fogo nos faz pensar como algum escolheria uma morte que possivelmente ocorre com muita dor e violência. Segundo Leonardo Santana³⁶, o fogo apresenta uma simbologia de divindade, purificação e de regeneração, tanto que foi usada na Santa Inquisição para expurgar o mal do indivíduo. Além de que, “segundo certas lendas, o Cristo (e alguns santos) trazia de volta à vida os corpos passando-os pelo fogo da fomalha. [...]. Esse fenômeno evoca a imagem do fogo que não queima”³⁷. Desta forma, o fogo estaria ligado ao simbolismo de Deus e do sol, como fatores que iluminam.

O fogo também pode está ligado à paixão, quando se tratando dos seus significados terrenos. Assim, apresenta uma simbologia ligada à sexualidade, ligadas ao descontrole, “como a chama que consome, devora”³⁸. Através desta ideia, Santana justifica as tentativas de suicídio por esta forma quando ligadas aos conflitos amorosos.

Outro fator de análise seria a raça (branca; parda [morena], e preta, assim definida nas notícias), dos casos em que havia este dado, observamos uma grande

³⁴ MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. *Comprehensive Textbook of Suicidology*. New York: The Guilford Press, 2000.

³⁵ SOUZA, op. cit.

³⁶ SANTANA, Leonardo. *Os Sentidos do Suicídio por Fogo: Um Estudo com Mulheres através do Método de Rorschach*. 2010. 78f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica de Brasília, Brasília. 2010.

³⁷ *Ibidem*, p. 39

³⁸ *Ibidem*, p. 66

predominância entre os brancos, depois os pardos e por último os pretos. Esta mesma classificação racial foi observada entre os médicos da época, que atribuíam as maiores taxas aos brancos por serem mais cultos e educados. Pelos nossos dados, podemos observar esta relação profissional com a raça, pois entre os brancos predominavam os proprietários, comerciantes e trabalhadores da área comercial; já entre os pardos, prestadores de serviço, operários na indústria, alfaiates e também da área comercial; e quanto aos pretos, operários da construção e das indústrias, vendedor e, principalmente, dos empregados dos lares.

Vale observar que a quantidade da raça relacionada à atividade de empregados do lar foi a mesma entre as três raças (quatro casos em cada um), contudo, proporcionalmente eram diferentes, sendo 11,43% para os brancos; 21,1% para os pardos; e 57,1% para os pretos. Desta forma podemos também observar que os brancos na época tinham mais chances de empregos “melhores” do que os membros das outras duas raças, algo que pode ser justificado pela eugenia, que atribuíam aos brancos certa superioridade e também não devemos esquecer-nos do histórico da escravidão e do preconceito com os trabalhos manuais presentes na mentalidade dos brasileiros.

Esta mesma relação de predominância pode ser observada quando analisando a questão da raça com os gêneros, lembrando que como houve mais casos femininos, estas apresentam números maiores do que os homens, mas algo que não afeta a relação já mencionada. Entretanto, uma observação pode ter tomada com a questão da raça relacionada ao gênero feminino, pois vimos anteriormente que os processos criminais eram predominantemente referentes às mulheres e, em especial, as pardas, mas os dados do Diário de Pernambuco mostram uma diferente realidade, com a predominância da mulher branca.

Supomos, então, que a questão racial afetava o andamento dos processos criminais no Recife dos Anos 1920, pois apesar de haver uma maioria de casos publicados entre as brancas, eram as pardas que mais sofriam com as investigações. Talvez com relação às negras, não havia o interesse na investigação dos seus casos, dada a atribuição de sua inferioridade na época.

Discriminação contra as negras era visível até nas notícias, pois, geralmente, começam as mesmas com a mulher de tal [...], mas quando se tratou de uma negra, observamos pela notícia de 11 de dezembro de 1927, que a mesma começou da seguinte forma “A preta de 22 anos Alice [...]”³⁹. Acreditamos ter sido discriminação,

³⁹ Diário de Pernambuco, Recife, p.8, 11 dez. de 1927. Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)

pois observamos que só começa com outro termo, sem ser mulher, quando sendo usado primeiramente um termo com atribuição de uma característica com denotação negativa para a época, como: decaída; mundana; ou meretriz.

Na consciência coletiva, estão profundamente arraigadas as associações entre o negro e o ócio, a violência, a permissividade sexual. O pórtico destas páginas é apenas um exemplo de como isso se reflete na imprensa. Ser negro é um atributo conferido pela natureza que só se desfaz parcial e excepcionalmente pela demonstração de características positivas.⁴⁰

Maris justifica a minoria dos negros nas taxas pelo simples fato que ao invés de direcionarem a agressão contra si própria, as descarregam em outros. Como observado em Boris Fausto, na qual os negros e pardos furtavam e roubavam mais, enquanto que os brancos cometiam mais homicídios e crimes sexuais.

Maris ainda aborda a questão das famílias negras, nas quais residia um maior número de pessoas, logo, tendo-se maiores vínculos familiares. Fausto observou que as pessoas de cor tendiam a valorizar o casamento e a virgindade. Ao analisarmos os nossos dados, aqueles em que havia uma correlação entre raça e estado civil, observa-se entre os negros uma fraca relação matrimonial entre eles, algo que, segundo o pensamento de Durkheim⁴¹, causaria uma maior taxa de suicídios, contudo, isto não se verifica.

Estes dados, na realidade, apresentam uma falsa noção da realidade, pois há notícias em que os indivíduos moram com companheiros, dando a entender que possuíam uma relação íntima entre eles, mas que como não era casado pela lei, seu estado civil era determinado como solteiro. Além do que, segundo Marina Maluf e Maria Lúcia Mott, “a maioria das mulheres vivia relações conjugais consensuais, sem uma presença masculina efetiva no lar, ou convivia com companheiros que não tinham um trabalho nem efetivo nem regular”⁴².

O suicídio feminino também esteve ligado a outras formas de crimes, como homicídios, adultérios e roubos. A honra ainda exercia nesta época um papel importante na vida da população, tanto que a mulher Sebastiana⁴³ cometeu o suicídio por ter sido pega em flagrante pelo marido cometendo adultério.

⁴⁰ FAUSTO, Boris. Crime e Cotidiano: A Criminalidade em São Paulo (1880-1924). São Paulo: Edusp, 2001, p. 67.

⁴¹ DURKHEIM, Émile. O Suicídio. São Paulo: Martin Claret, 2005.

⁴² MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do Mundo Feminino. In: NOVAIS, Fernando (Org.); SEVCENKO, Nicolau (Org.). História da Vida Privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁴³ Suicídio. Diário de Pernambuco, Recife, p. 2, 17 nov. 1920. Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)

Segundo Boris Fausto, houve “um número considerável de maridos e homicidas em geral suicida-se ou tenta suicidar-se após a prática do crime”⁴⁴. Estudos recentes mostram que os casos de homicídio-suicídio são extremamente raros, na qual a intimidade entre casais ou pessoas com algum relacionamento amoroso pode ocasionar isto, todavia, isto ocorre ocasionalmente.

Na maioria dos homicídios-suicídios o homem assassina a mulher com a qual está envolvido romanticamente ou afastado de e, então, se mata. O mais típico destes envolve parceiros com um padrão crônico amor-ódio: Eles não podem viver uns com os outros; eles não podem viver sem uns aos outros. O homem (tipicamente) insiste por afeição de seu parceiro, como se sua vida dependesse disso. Quando ela ameaça ou consegue romper o relacionamento, ele reage com ciúmes e raiva. A rejeição dela o faz sentir envergonhado, arruinado, e rejeitado, e ele reage depois a matando e se matando.⁴⁵

No entanto, nem sempre as mulheres se mantiveram submissas e aceitando o seu estado de inferioridade em relação aos homens, como menciona Rachel Soihet,

Ao contrário do usual, muitas populares vítimas da violência rebelaram-se contra os maus-tratos de seus companheiros numa violência proporcional, precipitando soluções extremas; mais uma vez desmentindo os estereótipos correntes acerca de atitudes submissas das mulheres.⁴⁶

Isto pode ser observado no caso de Maria M. C⁴⁷, que estava cansada do seu esposo por ser ébrio inveterado, ameaçando-o de morte, algo que fez. Maria envenenou o seu marido e após assassiná-lo, arrependeu-se e se suicidou. Possivelmente, ela sofria abusos do seu marido embriagado, porém deve ter chegado ao seu limite, quando reagiu com violências aos abusos.

Abusos que também podiam ser financeiros, pois como menciona Soihet, as mulheres tinham muito mais chances de oferecerem serviços autônomos do que os homens, logo,

[...] os homens pobres encontravam nas mulheres um abrigo seguro em face dos dissabores da existência, marcada pelo desemprego ou pelos poucos ganhos. Não conseguiam, porém, desfrutar uma relação mais igualitária com suas companheiras, já que sobre eles incidiam o estereótipo dominante de que a mulher era sua propriedade privada sobre a qual tinha um poder ilimitado. A insegurança e a frustração decorrentes da impossibilidade de exercer concretamente o papel que lhes era prescrito exacerbavam sua agressividade.⁴⁸

⁴⁴ FAUSTO, op. cit., p. 124.

⁴⁵ BONGAR, Bruce; *et. ali.* Marriage, Family, Family Therapy and Suicide. In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. Comprehensive Textbook of Suicidology. New York: The Guilford Press, 2000, p. 225-226.

⁴⁶ SOIHET, Rachel. Mulheres Pobres e Violência no Brasil Urbano. In: PRIORE, Mary Del. (org.). História das Mulheres no Brasil. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 307.

⁴⁷ *Diário de Pernambuco*. Recife, p. 4, 10 out. 1922. Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ).

⁴⁸ SOIHET, op. cit., p. 380.

Apesar da importância dos casamentos para as mulheres, as mesmas reagiam a isto. O papel de submissa podia estar enraizado nos seus pensamentos e atitudes, tanto que Maria – do caso mencionado acima – apesar dos sofrimentos com o marido embriagado, após tomar ação, acabou arrependendo-se, razão para o seu suicídio.

O suicídio feminino usado como uma forma de revolta contra o domínio masculino pode ser observado na carta deixada por Nair, que a deixou como uma forma de ameaça ao seu esposo, como pode ser visto a seguir.

Meu querido esposo – Até o dia de juízo, a morte para mim é descanso, pois o falso que a mim não é merecido obrigo-me a ir dormir o sono da eternidade e o meu espírito ficará perseguindo a ti e a todos. Não abandonarei a ti e a todos quantos foram cúmplices nesta minha morte. Assim poderás acreditar que nunca fui falsa e termino esta cheia de dor, banhada em lágrimas. Da tua esposa Nair.⁴⁹

Considerações finais

Através do texto, podemos observar que havia certa violência nos discursos que falavam sobre o suicídio com a questão de gênero e de raça. No entanto, os discursos que buscavam a submissão da mulher e da sua manutenção com inferior ao homem, foram em retração ao surgimento da nova mulher moderna, que buscava se libertar das instituições que buscavam a sua dominação. Desta forma, a crescente presença das mulheres nos trabalhos fora do lar e quebrando os padrões exigidos da tradicional família patriarcal brasileira, as fizeram alvo de vários discursos repressores.

No entanto, o mesmo não pode ser dito das raças negras e pardas (designação nos discursos da época), esta foram alvo de uma maior repressão e de desigualdade, tendo em vista a busca de “melhorar a raça brasileira” na época. Desta forma, foram sujeitas a uma violência discriminatória nos discursos e sendo mais alvo de processos criminais com relação ao suicídio, mantendo, assim, a repressão a esses grupos. Assim se buscava, com esses discursos, manter a superioridade da elite masculina branca em detrimento das outras.

⁴⁹ Tentou contra a vida ingerindo ácido azótico. Diário de Pernambuco, Recife, p. 4, 23 maio 1928. Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ).